

A Educação: saber e sabor na relação entre sujeitos

Eliane Garcia Rezende*

Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec)

Textos pedagógicos – Hippolyte Léon Denizard Rivail; Tradução, introdução e notas de Dora Incontri, São Paulo: Editora Comenius, 1998. 92 p. – (clássicos da Educação) CDD-370.12

A temática Educação e Cultura permite tomar diversos eixos de reflexão, relacionando-a com a existência humana, em qualquer fase da vida ou época da humanidade. A educação sempre foi pauta de meus estudos, depois que decidi me tornar professora, mas foi quando comecei a estudar saúde e espiritualidade, que encontrei os escritos de Allan Kardec (codificador do Espiritismo) que posteriormente vim saber ser Hippolyte Léon Denizard Rivail (*1804 e †1869), importante mestre da educação na França. Encontrei esses relatos nos estudos sobre Educação, realizados por Dora Alice Colombo, conhecida como Dora Incontri. Dora Incontri é jornalista, doutora e pós-doutora em educação pela USP, com larga experiência na área de Educação, explanando sobre seus fundamentos e atuando com temas interligados à educação e à ética, à educação e à espiritualidade, com diversos livros publicados. O livro *Textos pedagógicos – Hippolyte Léon Denizard Rivail*, organizado por Dora Incontri, mostra que problemas enfrentados na educação, discutidos na França em 1828, continuam atuais para nosso tempo, em todos os níveis de escolaridade.

O livro traz a tradução, feita por essa estudiosa, de dois textos de Rivail, aos quais a autora acrescenta sua apresentação e notas. O texto “Plano proposto para a melhoria da educação pública” foi escrito por

* Professora Adjunta da Universidade Federal de Alfenas-MG, doutoranda em Ciências Sociais na PUCSP. Graduada em Farmácia-bioquímica e Nutrição; professora da disciplina Educação Nutricional; atua nas áreas de: Educação e psicologia em saúde; Aspectos da saúde humana atrelados a representações sociais e espiritualidade.

Rivail em 1828 e o “Discurso pronunciado na distribuição de prêmios” data de 1834. É muito interessante quando na busca de estudar educação encontramos textos, trabalhos, teses de longa data, que continuam inovadores em nossos dias. Surpreende também ver que textos assim inovadores foram praticamente esquecidos pelos estudiosos como, se de algum modo, o codificador fosse incompatível com a pesquisa em educação.

Segundo Incontri, na apresentação do livro, a história do “espiritismo passa necessariamente pela Educação, já que Kardec, assinando ainda como Rivail, havia sido durante 30 anos emérito educador na França” (p. 8). Os estudos de Incontri mostram que Rivail foi pedagogo com contribuição relevante no meio intelectual e já aos 19 anos publicava obras didáticas em Paris, trilhando os caminhos da filosofia, da ciência, da religião e da educação. Foi discípulo de Pestalozzi, chegando ao Instituto de Yverdon com 11 anos. Aos 19, já publicava obras para aplicar o método pestalozziano na França. Com 24, escreveu seu *Plano de Melhoria do Ensino Público* e durante 30 anos se dedicou à educação. Dirigiu institutos e foi um professor que escrevia propostas de vanguarda para aquela época. O percurso desse educador recebeu influência de grandes mestres da tradicional pedagogia ocidental, como Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), de quem foi discípulo, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Jan Amos Comenius (1592-1670), Sócrates e Platão. Para Incontri, “todas essas correntes desembocam no Espiritismo, que como se sabe, é, acima de tudo, uma proposta de Pedagogia do Espírito”. Ela relata que Rivail não acrescentou nada à proposta de Pestalozzi, apenas desenvolveu-a e aplicou-a na prática e que buscou separar bem sua vida espírita de sua vida como educador, tanto que adotou o pseudônimo de Allan Kardec.

Rivail estudou no Castelo de Yverdon com Pestalozzi, cujo modelo pedagógico provocava a interação permanente entre professores e alunos, já que moravam no mesmo local, e realizavam atividades intensas com aprendizado autônomo e ativo. Os métodos adotados estimulavam a prática de ensino mútuo e de cooperação e não adotavam sistema de recompensa ou punição. Eram realizadas observações *in loco*, teatro, aulas-passeio, experiências, coral, cultivo de hortas, lições de línguas, aulas sobre moral e ética, estimulando convivência pacífica entre os membros de diferentes religiões. Buscava-se garantir que tudo o que passasse para o domínio da linguagem fosse antes sentido, percebido,

observado, experimentado. Para isso, era grande a preocupação com falas desnecessárias. Procurava-se estabelecer o amor entre educador e educando, uma educação em que a pessoa aprende fazendo, precedendo a racionalização de conceitos. Desse modo, a aprendizagem acontece por meio da busca dos fundamentos e das finalidades de todas as coisas, em uma educação ativa e integrada com a vida.

Via-se de maneira crítica as questões ligadas à formação do professor, à relação de superioridade adotada pelo professor frente ao aluno, à monotonia dos estudos, aos métodos para a educação, à descontextualização dos conteúdos sem interligá-los a realidade da vida do indivíduo, considerando-se que tudo isso contribuiria para não permitir o gosto pelo saber. Esses pontos e outros são abordados no texto “Plano proposto para a melhoria da educação pública” para a educação Francesa, mas são questões atuais na pauta de discussão da educação em nosso país. Rivail descreve o fracasso da relação professor e aluno: “Não há entre eles nenhuma confiança recíproca, nenhum apego; há ao contrário uma troca contínua de ardis; leva a melhor quem for bastante esperto para surpreender o outro e sabe-se já quem ganha o mais frequentemente” (p. 20). Já naquele século, esse sensível pedagogo denuncia o despreparo dos professores para a educação – “De mil pessoas dedicadas à educação, muitas vezes não se encontrará uma só, que tenha lido um quarto das obras sobre o assunto. [...]; por que confiamos assim tão levemente os filhos a homens que não sabem o que é educação?” (p. 30). Explana também sobre questões do sistema educacional, como os ligados a interesses políticos e observa a desvalorização do educador – “... há um preconceito geralmente difundido contra tudo o que tem relação com a educação; diria mesmo que há uma espécie de humilhação ligada à profissão de educador; [...] A educação, entretanto, está submetida a princípios e a verdades de ordem bastante elevada, ela toca interesses públicos e privados de muito perto para ser digna, em todos os aspectos, da mediação de filósofos e legisladores; [...] Vós, que vos destinais à educação, qualquer que seja o motivo que vos move, esperai experimentar todos os desgostos, todas as humilhações, todas as contrariedades e, mais frequentemente ainda, toda a ingratidão que se possa imaginar.” (p. 32). Rivail coloca em pauta a diferença entre o professor e o educador, esclarece que “a educação não se limita apenas à instrução [...] todas as partes da educação estão estreitamente ligadas” (p. 31); faz referência

também à questão da fala dos pais quanto ao pagamento dos professores: “... eu lhe pago por isto, não é suficiente?” chamando a atenção: “Pais! Queixai-vos de que os educadores façam da educação um negócio; mas se os considerais como mercenários, é de se espantar que eles deem a mercadoria em troca de vosso dinheiro?” (p. 35). No texto “Discurso pronunciado na distribuição de prêmios”, de 1834, Rivail se declara educador e diz: “a educação é a obra da minha vida, e todos os meus instantes são empregados em meditar sobre esta matéria; fico feliz quando encontro algum meio novo ou quando descubro novas verdades” (p. 78).

Esse livro, como diz Dora Incontri na sua introdução, “tem um interesse afetivo e histórico para os espíritas e tem um valor documental e de conteúdo indiscutível para qualquer pessoa, espírita ou não, que lide com Educação” (p. 9). São reflexões muito atuais sobre o que pode fazer diferença no ensino em nossas escolas, contribuindo para uma efetiva educação, e direcionando o papel do professor enquanto educador.